

A Parresía de Baco Exu Blues Presente nos Discursos Práticos de Bluesman

Paula Fernandes Martins de AZEVEDO¹

Deyse LEMOS²

Centro do Universitário, UniFavip/WYDEN, Caruaru, PE

Resumo

O presente artigo vislumbra sobre o estudo da obra fonográfica intitulada “Bluesman”, segundo álbum do *rapper*, cantor e compositor soteropolitano, Diogo Álvaro Ferreira Moncorvo (Baco Exu do Blues), que foi lançado em 23 de novembro de 2018, pela gravadora EAEO. O intuito da pesquisa foi analisar a *parresía* estudada pela perspectiva de Michel Foucault em sua obra “A Coragem da Verdade”. Sua musicalidade tem o poder de manifesto e resgata a *parresía* tornando-se um instrumento de luta dentro dos discursos sobre resistência, amor, racismo, negritude, que permeia entre as nove faixas. A reflexão existencial intervém no seu processo para reconstruir um homem negro marcado pela invisibilidade enraizada pelo sistema opressor.

Palavras-chave: Parresía; Baco Exu do Blues; Bluesman; Rap.

Abstract

This article envisions on the study of the Phonographic work entitled "Bluesman", second album from rapper, singer and composer, Diogo Álvaro Ferreira Moncorvo (Baco Exu from Blues), which was released on November 23, 2018, by EAEO. The aim of the study was to analyze the *parresía* studied by the prospect of Michel Foucault in his work "The Courage of Truth". Their musicianship has the power to manifest and rescues the *parresía* becoming an instrument of struggle within the discourses about resistance, love, racism, blackness, which permeates between the nine tracks. The existential reflection intervenes in your process to rebuild a black man marked by the invisibility rooted by the oppressive system.

Keywords: Parresía; Baco Exu from Blues Bluesman; Rap.

Introdução

¹ Trabalho apresentado no IJ06– (Interfaces comunicacionais), da Intercom Júnior – XVI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Estudante de Graduação 10º. semestre do Curso de Jornalismo da UniFavip Wyden Caruaru, e-mail: paulamartifer@hotmail.com

³ Orientador do trabalho. Professora do curso de Jornalismo da UniFavip Wyden Caruaru e mestre em Design pelo Programa de Pós-Graduação em Design da UFPE E-mail: deyselemos@hotmail.com.

O objetivo desse artigo é analisar a *parresía*, presente no álbum “Bluesman”, através dos contornos encontrados na musicalidade de Baco Exu do Blues, para vencer a vulnerabilidade. A contribuição do *rapper* na fala franca está presente nas rimas para ressignificação dessas dores silenciadas.

Michel Foucault, filósofo contemporâneo, já se debruçava nos estudos da fala franca, da *parresía* como modalidade de dizer a verdade sobre si mesmo, no último curso ministrado no *Collège de France*, de janeiro a março 1984.

Intitulado como “A Coragem da Verdade”, essa foi a última obra de Foucault, onde ele expõe suas reflexões sobre a verdade, uma estilística da existência. Ele se aprofunda na *parresía*, que é o resgate de Sócrates, um parresiasta por excelência, que tirava as pessoas do lugar comum para cuidar de si e dos outros.

É a partir do tema do curso de Foucault “A Coragem da Verdade”, que a *parresía* se conecta com a musicalidade do cantor, quem já se sentiu oprimido, subjugado ou desvalorizado, e não quer estar naquele lugar mais e que precisa ocupar o seu lugar de fala. Por isso, suas referências estão ligadas raízes do *blues*, porque existe uma necessidade histórica por falar. Baco encontra na palavra a força para materializar a liberdade.

A verdade é dolorosa e os novos Sócrates buscam sacudir, gerar incômodos, sobre o modo de vida e a invisibilidade. O parresiasta socrático baiano, traz o desejo de mudança diante do caos do mundo que leva todo esse mal-estar para o divã.

Baco, construção fonográfica de múltiplas sonoridades

Baco Exu do Blues, ganhou notoriedade na cena musical. Sua discografia começa com EP *OldMonkey*, em (2015). Em 2016, o *Kanye West*³ da Bahia lança o *single* “Sulicídio” junto com *rapper* pernambucano Diomedes Chinaski, composição polêmica e agressiva, que faz crítica a cena do *hip-hop* brasileiro como xenofóbica e preconceituosa.

Neste *flow*⁴, os *rappers* buscam mostrar que os nordestinos sabem fazer *rap* e com muita cadência. Em 2017, Baco se consolida na cena do *rap* nacional tornando-se

³ Kanye West da Bahia – Título da faixa 5 e, também, *rapper* se denomina como cantor de *rap* americano *Kanye West* devido por que não aceito o comum da indústria fonográfica.

⁴ Flow- Palavra inglesa que significa fluência, acompanha as batidas (beats).

conhecido pelo grande público com seu primeiro EP solo em estúdio denominado “Esú”. Este álbum foi super aclamado pela crítica especializada em música. O baiano em 2018, ganhou dois Prêmios Multishow como artista revelação e melhor canção do ano com ‘Te amo Desgraça’. No mesmo ano surgiu o seu segundo álbum, “Bluesman”, lançado pela gravadora EAEO, em novembro 2018, e que é o objeto de investigação neste artigo. Ele ainda lançou outros *singles* que vale destacar: 999, Facção Carinhosa, Sinfonia do Adeus, Tardes que nunca acabam, Senha/ pelos ares, nada vai nos parar, Paris, *Blackstreetboys* e 5 Conto.

Diogo Álvaro Ferreira Moncorvo tem sua identificação artística como Baco Exu do Blues. Seu nome é carregado de referências históricas que durante a construção do seu álbum existe uma conexão de inspiração entre essa tríade. Há um deus da mitologia grega, um orixá africano e o *Blues* como gênero musical criado pelos negros americanos, descendentes de escravos dentro da construção do seu nome artístico. O primeiro nome refere-se a Baco (ou Dionísio), um dos deuses da mitologia greco-romana, deus da metamorfose, da transformação, da boêmia, amante de festas, vinhos e prazeres, um *bon vivant*⁵

Quanto a Baco, deus grego e não romano (o latim *Bacchus* que, à época da helenização de Roma e do sincretismo religioso greco-latino, suplantou o Líber dos latinos, é mera transliteração do grego *Bákkhos*); quanto a Baco, repetimos, que não aparece em Homero, 38. CARNOY, Albert. Op. cit., s.u. 113 Hesíodo, Píndaro e Ésquilo, somente surgiu na literatura grega no século V a.C, a partir de Heródoto e sobretudo no Édipo Rei de Sófocles, v. 211. (BRANDÃO, 1987, p. 113).

A relação dos nomes é tão evidente que na nona faixa, “*BB king*” que ele rima “Mano, eu sou Baco/ Deus da putaria, da loucura e dos palcos”. Baco se denomina com um Deus grego de personalidade intensa e ambos rompem padrões e são transformadores.

O segundo nome vem das religiões de matrizes africanas do Brasil como o candomblé e a umbanda, é o orixá Exu. Ele abre caminho, estabelece a comunicação e é transformador.

De acordo com Pranti (2005, s.p) Exu é o princípio dinâmico que coloca tudo em movimento; Ele mesmo é movimento, e, portanto, transporte, comunicação. O orixá Exu tem esse encargo de transportador. “Exu é aquele que tem o poder de quebrar a tradição, pôr as regras em questão,

⁵ Bom Vivant - uma expressão francesa que significa “boa vida” ou que qualifica determinado indivíduo como “amante dos prazeres da vida”.

romper a norma e promover a mudança”. (CARVALHO, 2014, p. 41 - 42).

Exu, tem o domínio das palavras e vem como mensageiro de todas significações e com ele tudo se transforma e se rompe. Ele é o guardião, o executor da lei divina, desperta a capacidade de realização e traz uma força vitalizadora.

A última palavra que forma seu nome é o “*Blues*”, que significa melancolia. É um gênero musical que surge em meados do século XIX na cena musical afro-americana em Delta no Missipi. Eram canções de trabalho e não religiosas onde transbordava sofrimento dos escravos negros americanos que trabalhavam nas plantações de algodão.

[...] o blues é um estado de espírito e a música que dá voz a ele. O blues é o lamento dos oprimidos, [...] o desespero dos desempregados. [...] O blues é a emoção pessoal do indivíduo que encontra na música um veículo para se expressar. Mas é também uma música social: o blues pode ser diversão, pode ser música para dançar e para beber, a música de uma classe dentro de um grupo segregado. O blues pode ser a criação de artistas dentro de uma pequena comunidade étnica, seja no mais profundo Sul rural, seja nos guetos congestionados das cidades industriais. O blues é todas essas coisas e todas essas pessoas, a criação de artistas famosos com muitas gravações e a inspiração de um homem conhecido apenas por sua comunidade, talvez conhecido apenas por si mesmo (OLIVER; HARRISON; BOLCOM, 1989, p. 127).

Como destaca Baco em sua música “*BB King*”, “1903/ a primeira vez um homem branco observou negro/ Não como um animal agressivo, ou força braça desprovida de Inteligência/ desta vez, percebe-se o talento, a criatividade, a música! / O mundo branco nunca havia sentido algo como o blues”.

O *blues* mudou o rumo da música através das escalas musicais da chamada *Blue Note* ou *Pentablue*, traduzindo “nota fora” trazendo um caráter tensão, lamento. O estilo musical se baseia no uso de notas baixas (graves), que com fins expressivos se mantém uma estrutura musical repetitiva que marcava o sofrimento de uma época. São notas que pedem resolução, causam consternação, incômodo, agressividade e grito.

Assim se constrói a simbologia e o conceito do nome artístico de Diogo, complexo e cheio de referências que envolve relações históricas das divindades com a humanidade. O desejo nítido de Baco Exu do Blues é explorar essa dualidade de ser Deus e divindade, condensado em corpo só. É uma forma de legitimar sua história, o seu papel como homem negro que conquista sua autonomia dentro da cultura midiática da música popular

brasileira, trazendo uma narrativa de representatividade e de resistência negra dentro e fora do eixo periférico.

Esú abre caminho para bluesman

Após a sua projeção avassaladora no *rap* nacional com “Esú”, entra em cena o “Bluesman”, um álbum que dialoga com o primeiro, trazendo um conceito sobre autoestima, amor, depressão, a saúde mental do negro e o sentimento de pertencimento, além de temáticas sobre raça, classe social e opressões. Há uma representatividade e resistência viva, é notório o desejo de ocupar lugares que sempre foram de brancos, e seu objetivo é que isso não seja mais uma causa de estranhamento na sociedade.

“Bluesman” é o renascimento de Baco Exu do Blues, após um processo de depressão e é uma forma de dominação dessa angústia. É através de suas composições, que ele ressuscita. Na música “*Kanye West da Bahia*”, que compõem a quinta faixa, ele anuncia seu retorno: “Morri como *rapper* em En Tu Mira Voltei como Bluesman. E agora eu me sinto bem, bem, bem...”, e em “*BB King*”, “Eu vivi, eu caí, eu me consertei/Sou resultado das pessoas que eu amei”. Ele transforma “Bluesman”, em uma documentação de sua própria autobiografia da vida. É a revivificação de Diogo.

Com Esú, eu provei o quão bom eu posso ser. Bluesman nasce sobre sentir a música, mais do que me mostrar como escritor, porque isso eu já fiz. Quero repetir um sentimento, mas não me enquadrar num gênero musical. Quero, com esse disco, quebrar o gênero musical. Não é um disco de rap, nem de MPB, quero que seja música, tá ligado? (ANTUNES, 2018b, s/p).

Ele mescla com todos gêneros musicais e há uma pluralidade de sons sem estar desconexo com seu estilo e referências. Sua discografia é contemporânea, cheia de lirismo e metáforas, “Bluesman” é um álbum híbrido.

Nas nove faixas de 30 minutos, a antropofagia cultural se faz presente, deglutindo de várias referências culturais como: as iconografias dos artistas Jean-Michael Basquiat e do pintor Van Gogh. Na música, ele traz referências como o cantor Jay-Z, Jorge Luís Borges, Beyonce, Michael Jackson e o grupo de Exaltasamba. No cinema o filme do Pantera Negra e Missipi em Chamas. Dentro das letras e *samples*, há também participações nas faixas de “Me desculpa” Jay-Z com 1 LUME3; “Queima minha pele”

com Tim Bernardes, “Flamingos” com Tuyo, Kanye e “West da Bahia” com DKVPZ; e Bibi Caetano. Na política, o ex-presidente Barack Obama. Na literatura, a referência do poeta Manoel de Barros e o escritor Jorge Luís Borges.

O álbum é sincero e transparente, cheio de contextualização social e política. Como define Carolline Marcello, mestre em estudos literários, cultura e interartes, em seu site “Cultura Genial”:

O disco se assemelha a um *puzzle*, combinando referências diversas e emoções aparentemente contraditórias, como raiva, esperança, orgulho e paixão. Da combinação de todos esses elementos, nasce algo novo, um outro porta-voz para juventude brasileira, consciente do poder de suas palavras”. [...] “Bluesman vem confirmar o seu talento e deixar evidentes as pautas políticas e sociais que promove [...] (MARCELLO, s/ano, s/p).

O disco funciona como um livro aberto de Baco Exu do Blues. Ele não se coloca como vítima, ele empodera suas raízes, luta contra ideias racistas e todas as suas canções traz um forte senso-crítico e a presença do eu-lírico nas suas interpretações que comungam com seu cotidiano e traz suas percepções sobre ancestralidade negra que ele considera que foi apagada. São aspectos negados na época da escravidão e que precisam ser trazidos à tona para música negra moderna.

Os caminhos de “Bluesman” foram abertos, reconfigurado a sua realidade. O conceito de *bluesmen* surgiu quando os meninos de coro pretendiam sair do trabalho das fazendas para seguir a carreira no *blues*. No trecho do artigo, Aramis Millarch (1986, s/p), aponta que:

Do coro, passava ao que se chamava “pagamento de dívidas”, ou seja, fazer os trabalhos que os outros recusavam. Quando aguentava tanto tranco tornava-se finalmente um bluesman tinha o “direito” de cantar suas impressões sobre o mundo que o cercava, sobre sua realidade”. “Bluesman, como se pode descobrir em qualquer dicionário musical, é um título que tem muito mais a ver com a pessoa do que com o tipo de música que ela intérprete. É, assim, muito mais o porta-voz, o guardião de uma cultura. Surgido como uma extensão das tradições que os negros importados como escravos trouxeram da África para a América do Norte.

Diogo deixa bem claro nas estrofes em “*BB. King*”: “O que é ser bluesman? É ser o inverso do que os outros pensam/É ser contra corrente, ser a própria força, a sua própria

raiz/É saber que nunca fomos uma reprodução automática da imagem submissa que foi criada por eles”.

“Bluesman” alcança a supremacia com sua sonoridade impecável, com rimas sofisticadas, sendo reconhecido e conquistando prêmios como Melhor álbum nacional pela *Rolling Stone* Brasil (2018) e o Grand Prix na Categoria *Entertainment for Music do Cannes Lions* (2019), produto audiovisual, superando os artistas internacionais como *Jay-Z* e *Beyonce* e a facção carinhosa agradece⁶.

Essa é a história, que os brancos apagaram, a verdadeira autoria do protagonismo negro está sendo potencializada pela representação social entre o sujeito e o poder nas rimas do *rapper*.

O parresiasta soteropolitano Baco Exu do Blues

Segundo Michel Foucault na obra intitulada “A Coragem da Verdade”, “A *parresía* é, portanto, em duas palavras, a coragem da verdade (modo veridicção), naquele que fala e assume o risco de dizer, a despeito de tudo, toda a verdade que pensa, mas é também a coragem do interlocutor que aceita receber como verdadeira a verdade ferina que ouve” (FOUCAULT, 2011, p. 13). Esse conceito foucaultiano está vinculado a transformações do sujeito.

Na *parresía*, o que está fundamentalmente em questão é (...) a franqueza, a liberdade, a abertura, que fazem com que se diga o que se tem a dizer, de maneira como se tem vontade de dizer, quando se tem vontade de dizer e segundo a forma que se crê ser necessário dizer. O termo *parrhesía* está tão ligado à escolha, à decisão, à atitude de quem fala, que os latinos justamente traduziram *parrhesía* pela palavra *libertas*. O tudo dizer da *parrhesía* tornou-se *libertas*: a liberdade de quem fala (FOUCAULT, 2006, p. 450-451).

O *rapper* é o protagonista dessa história, por trazer suas experiências empíricas nas faixas e suas inquietações das vozes periféricas, por isso a *parresía* se faz presente.

Segundo Michel Foucault, “o parresiasta, por definição fala em seu próprio nome. É essencial que seja sua opinião, é essencial que seja o pensamento e a sua convicção que ele fórmula, ele deve assinar sua fala, sua franqueza tem esse preço” (FOUCAULT, 2011, p. 16).

⁶ Facção carinhosa – primeiro single do rapper baiano em setembro de 2017 e como ele intitula seus fãs.

O *rap* é a poesia dos oprimidos que denuncia a desigualdade presente nos guetos. “Oprimidos socialmente e discriminados etnicamente instalam-se nos guetos a fim de resgatarem a sua cultura como forma de resistência nessa receita em busca da felicidade e manutenção de sua identidade” (SANTOS; MENDONZA; ELIAS, 2003, p. 5). O *rap* traz consigo toda identidade negra e enxerga a dores de povo.

O *rap* reafirma visões de mundo, posições políticas, dentro das quais os indivíduos desenvolvem suas práxis. As músicas registram não apenas os fatores estruturantes nos quais os indivíduos estão se movendo, mas é também uma tomada de consciência, uma referência simbólica orientadora das ações no sentido de reagir positivamente ao processo social em curso (SILVA, 1999, p. 200).

O que Silva (1998) enfatiza é que a música discute indispensabilidade de haver uma luta coletiva sobre reconhecimento de sua cultura e memórias. Baco não é apenas um *Bluesmen*, ele é um parresiasta, que com suas práticas discursivas presente em suas composições, busca zelar pela verdade como Sócrates fazia.

Na verdade, o sujeito serve como espelho social, o que ele me traz e me fornece, cria-se uma cartografia de vida. Dessa forma, o que nos interessa nesse micro laboratório social é como nosso comportamento está engendrado na dificuldade posicional trazida pela desigualdade que a sociedade faz questão de esconder. Isso se torna muito corrosivo nas relações sociais enfraquecidas e dissimuladas, que vão gerar um distanciamento causando uma vertigem no sujeito e trazendo uma sensação de não pertencimento.

O *rap* carrega a prática da *parresía* e traz uma visão do que nos separa e não o que nos une, já que são grupo são marginalizados. O poder da fala vem nas rimas e se reconhecem entre si e rompe com pactos de mediocridades, criado pelas máscaras sociais.

Nesse contexto contemporâneo da música brasileira, o *rap* e a *parresía* estão atrelados, surgindo os novos Sócrates como aborda Lara Sayão Lobato de Andrade Ferraz, em seu ensaio para revista Praxis & Saber “Novos Sócrates: *parrhesía e epimélie heautôu* nas atitudes dos *rappers*”. Em seu estudo Lara Andrade Ferraz traz a seguinte contextualização:

[...] Os rappers entendem sua música como compromisso ético e como meio para expressar a indignação com o que está posto. Não se importam nem com a língua culta, nem com o discurso correto e socialmente aceitável. Expõem-se ao risco de serem considerados os loucos e desajustados sociais e até mesmos enquadrados numa dimensão marginal e criminosa (FERRAZ, 2009, p. 285).

A música não é apenas uma necessidade alegórica, mas sim, realista. O *rap* reconhece o realismo e o fluxo das experiências vividas e cria-se uma conexão com a arte e filosofia.

Ao ter a coragem da fala franca, o rapper, novo Sócrates, aposta no compromisso que tem com a cidade e com o destino das pessoas, com a busca pela justiça e pela verdade. Falando coisas que não são boas de ouvir retira o véu que encobre a falsa democracia e a falsa igualdade de direitos. Lembrando para o perigo de se ter em alta conta a si mesmo e suas verdades, cuida de si, pois são eles muito críticos sobre sua própria conduta e sobre suas ideias, cuidando que os outros cuidem de si, avessos às lisonjas, cuidam que os poderosos cuidem de si, pensando sobre o que fazem e pensam. (FERRAZ; ANDRADE, 2009, p. 287).

Baco é o resgate dos novos Sócrates, devido aos discursos verdadeiros e emocionantes evidenciados do começo ao fim do seu álbum advindos da acrópole baiana.

Ruptura do silêncio em Bluesman

“Bluesman” é a primeira faixa e dá nome a capa ao disco, que chega com postura destemida. O álbum é todo desconstruído e traz muitas ambiguidades sempre o “Eu” em conflito em forma de monólogo.

“Bluesman”, inicia-se com a *sample* do grande homem do *blues*, *Muddy Waters*, que chega anunciando “*Everything’s gonna be alright this morning*” (Tudo vai ficar bem esta manhã). As rimas fortalecem sua negritude: “Eu sou o primeiro ritmo a formar pretos ricos /O primeiro ritmo que tornou pretos livres /Anel no dedo em cada um dos cinco/Vento na minha cara eu me sinto vivo /A partir de agora considero tudo blues /O samba é blues, o rock é blues, o jazz é blues/ O funk é blues, o soul é blues /Eu sou Exu do Blues/Tudo que quando era preto era do demônio /E depois virou branco e foi aceito eu vou chamar de blues /É isso, entenda/Jesus é blues”.

Todo traço ancestral da cultura negra que foi apagada para ser considerada de origem branca agora é *blues*. Nota-se que o artista tem a coragem para sustentar suas afirmações por metáforas. Essa canção traz um fortalecimento e ao mesmo tempo é carregada de questões de negritude, resistência e ele mostra-se um parresíasta em “Bluesman” quando rima: “Eu sou um dos poucos que não esconde o que sente”.

“Bluesman”, também enaltece seu orgulho racial: “Eu tenho a cor do meu povo a cor da minha gente”, o *rapper* incorpora o seu papel transformador, já que ele é fruto dos

seus antepassados de vozes silenciadas, busca ocupar espaços, pois está socialmente cansado e precisa chamar atenção. Nesta música há existência da luta negra, além de ser um manifesto coletivo aos brancos que se apropriam de sua cultura, querendo sempre que podem embranquecer. Fanon (2008, p. 107) compreende que “O branco quer o mundo; ele quer só para si. Ele se considera o senhor predestinado deste mundo. Ele o submete, estabelece-se entre ele e o mundo uma relação de apropriação”. Logo eles querem negociar a dignidade e identidade dos negros.

Para isso ele teve que sair da sub-humanidade (quebrar as caixinhas) para atingir a super-humanidade e devolver o que tiraram dos negros.

Baco consegue quebrar as paredes com sua vulnerabilidade. Percebe-se na segunda faixa do disco “Queima Minha Pele” em sua rima: “Fotografar o silêncio é tão difícil /Fotografar o meu medo é tão difícil/Fotografar a insegurança é tão difícil/Eu disfarço tudo com cigarro, cerveja e sorriso”, Tim Bernardes e Baco fazem uma melodia com cordas e piano, contrabaixo eletrônico, para expor um momento solidão e nilista. Manoel de Barros também fala dessa dificuldade em sua poesia “Difícil fotografar o Silêncio”: Difícil fotografar o silêncio/Entretanto tentei”. Ambos trazem uma semelhança poética e culta, mas Baco apresenta a necessidade de transformar o silêncio, essa ferida aberta, num processo de antiajuda que ajuda, ou seja, seu discurso se torna eficaz porque não há massageamento egóico.

A canção mostra a dificuldade de homem negro ocupar esse lugar de fala, fruto do racismo. A sociedade quer negar a humanidade até para lidar com as fraquezas. Perversa, não respeita a fala e simbolizam o homem negro sempre forte, porém, todo homem, negro tem tendências depressivas devido ao racismo. Baco fala de si e dos outros. Foucault ensina que:

Ocupar-se consigo mesmo tornou-se de modo geral, o princípio de toda conduta racional, em toda forma de vida ativa que pretendesse, efetivamente, obedecer ao princípio da racionalidade moral. A inquietação a ocupar-se consigo mesmo alcançou, durante o longo brilho do pensamento helenístico e romano, uma extensão tão grande que se tornou, creio, um verdadeiro fenômeno cultural de conjunto” (FOUCAULT, 2006, p. 10).

Os brancos buscam silenciar e isso vem desde a alienação colonial (impossibilidade de se constituir enquanto sujeito da sua própria história).

Na terceira faixa “Me desculpa *Jay-Z*, ” se observa um *blues* que transcende de formar bipolar, onde ele mostra-se perdido, “a vida tá meio difícil”, há uma fragilidade, uma melancolia sobre o amor: “Eu não gosto de você, não quero mais te ver /Por favor não me ligue mais/Eu amo tanto você, sorrio ao te ver/Não me esqueça jamais”. Na sexta faixa traz a mesma contextualização em “Flamingo” à codependência de um relacionamento tóxico: “Me deixe viver ou viva comigo/ Me mande embora ou me faça de abrigo. Ele faz uma ruptura dessas imagens que estavam presa no seu subconsciente. Como já dizia as psicanalistas Noemi Araújo e Regina Herzog no programa café filosófico exibido 13/10/2016 no canal Cultura, a “Dor psíquica é como uma “dor de amor”, causada por um equilíbrio entre o eu e o mundo “e toda dor precisa ser enfrentada, gritada.

Nota-se que a fala franca anda junto com o poder da palavra e a poesia do artista ganha força. A palavra tem a potência estética, intensa e desconcertante. A psicóloga e poeta Vivian Mosé (2008) recita em seu poema "Toda palavra":

Eu preciso do escarcéu soletrado
Preciso daquilo que havia negado
E mesmo tendo medo de algumas palavras
preciso da palavra medo como preciso da palavra morte
que é uma palavra triste.
Toda palavra deve ser anunciada e ouvida.
Nunca mais o desprezo por coisas mal ditas.
Toda palavra é bem dita e bem vinda.

Baco, introduz verdades que ajudam a construir significados para práticas de cuidar de si, a existência coletiva precisa se humanizar. O autor e professor Rafael Trindade (2018) do site “Razão Inadequada” explica que:

O cuidado de si é, portanto, um conjunto de técnicas que permite vincular o sujeito à verdade. Não no sentido de descoberta, nem de parentesco, nem de proximidade, nem de essência, mas sim de uma verdade que dota o sujeito de algo que ele não possuía, uma verdade apreendida a duras penas. Um sujeito que diz a verdade, sim, não porque a conheceu, não porque lhe foi revelada, mas porque a sua conduta é absolutamente, integralmente, totalmente idêntica ao sujeito que a enuncia. Cuida de ti, para ser capaz de enunciar de ti mesmo a verdade! Eis o cuidado de si superando o conhecimento de si.

A *parresía*, rompe com pacto da mediocridade para vencer a sujeição e o medo. Na quarta faixa, a música “Minotauro de Borges”, existe uma releitura do mito presente

no livro de Jorge Luís Borges, argentino, que escreveu o conto “A Casa de Astérion” (O rei da ilha de Creta), que coloca o protagonista Minotauro como uma criatura ruim e que reflete no modo de vida e como poderá morrer.

E no mundo imaginário do cantor, que Baco mostra se identificar com monstro em seu verso: “Bebo da depressão/Até que isso me transborde/Vencer me fez vilão/Eu sou Minotauro de Borges”, o homem como touro mostra-se como ele luta pela redenção. Na análise de Carolina Marcello Mestre em Estudos Literários, Culturais e Interartes:

O fato de vencer as lutas em nome da sobrevivência fez do Minotauro um famoso inimigo público, um vilão que precisava ser vencido. Uma profecia anunciava a chegada de um homem capaz de derrotá-lo, que ele espera ansiosamente, como um "redentor" (MARCELLO, s/ano, s/p).

O preconceito cria vilões. Ainda em “Minotauro de Borges”, “Você me mata ou eu me mato primeiro”. A audácia Baco assemelha-se as atitudes de Sócrates, se for preciso se arriscar para falar a verdade, ele arrisca a sua própria vida. Simbolicamente o *rapper* anuncia sua morte nessa estrofe: “Depois que eu morri com um tiro na cabeça/ Sempre que um preto faz dinheiro grita “, mas, "Baco vive, Baco vive".

A oitava faixa “Preto e Prata”, “ Eu vive pela prata tatata tatata /Nós mata pela prata tatata tatata/Protegemos a prata tatata tatata/Nós negros somos prata tatata tatata”, atrelam ao sentimento sobre a desvalorização do povo preto e, Baco grita sobre a urgência de ocupar um papel de empoderamento e sair do controle da supremacia branca. Ele enfrenta os discursos de que o negro vale menos por ser prata e o branco por ser ouro. Baco tem o poder pastoral de transitar pelos indivíduos para alcançar as diversas *ágoras* espalhadas pelo Brasil.

Toda pungência e ideias que são elencadas em “Bluesman”, traz o debate sobre o racismo: “Eles querem um preto com arma pra cima / Num clipe na favela gritando: Cocaína. Querem que nossa pele seja pele do crime”. São situações que leva o negro a sofrer.

O racismo é um comportamento, uma ação resultante da aversão, por vezes de ódio, em relação a pessoas que possuem um pertencimento racial observável por meio de sinais, tais como cor de pele, tipo de cabelo, formato de olho etc. Ele é resultado de crença de que existem raças ou tipos humanos superiores e inferiores, a qual se tenta impor como única e verdadeira.

Exemplo disso são as teorias raciais que serviam para justificar a escravidão no século XIX, a exclusão dos negros e a discriminação racial (MUNANGA; GOMES, 2006, p. 179).

Baco revela sua indignação marcada pelo racismo e a desigualdade. O desconforto sempre gera um movimento de transformação pessoal.

Na quinta faixa, *Kanye West* da Bahia, ele se rebela e recupera sua autoestima perdida no período de transitivismo: “Eu não abaixo a cabeça, não vou obedecer/ ser preto de estimação não/ eu prefiro morrer”. O artista válida neste momento um comportamento racional: “Meus ancestrais se banhavam de ouro/ Olhe bem pra minha pele/ ele reluz/ seu tolo”. Nesta mesma composição o rapper enfatiza que: “Se preto não é só ter pele/coisa que joalheiro entende/ A minha cultura é minha febre”.

Sendo assim nesse processo de elaboração da dor. Sua afirmação é amplificada para as *ágoras*, de forma explosiva na nona faixa “*BB King*”, “Foda-se a imagem que vocês criaram/Não sou legível, não sou entendível/Sou meu próprio Deus, meu próprio santo, meu próprio poeta/Me olhe como uma tela preta, de um único pintor/Só eu posso fazer minha arte/Só eu posso me descrever/Vocês não têm esse direito/Não sou obrigado a ser o que vocês esperam/Somos muito mais! /Se você não se enquadra ao que esperam/Você é um Bluesman”. A canção está carregada de fúria e o comportamento muda e como sabiamente afirma Foucault (2007, p. 20): “Não me pergunte quem sou e não me peça para permanecer o mesmo”.

Considerações Finais

Baco Exú do Blues traz novos sentidos na sua música, uma espécie de revelação, por isso, seu discurso é intencional. Foucault já dizia: “É preciso que essa verdade afete o sujeito, e não que o sujeito se torne objeto de um discurso verdadeiro” (FOUCAULT, 2006, p. 217).

As questões existencialistas estão presentes no álbum. Ele se empenha para trazer uma música que empodere, e que exalte a cultura negra. É visível que o músico busca por autenticidade e se libertar dos pensamentos presos em seu subconsciente e como a própria bíblia explicita “Conheça a verdade e ela vos libertará” (João 8:32).

O presente estudo trouxe à baila o resgate do conceito *parresía*, estudada por Michel Foucault, que contribuiu com seu olhar sobre a investigação sobre a verdade. A

nova cena da música brasileira, ganha um novo parresiasista socrático, Baco Exú do Blues, o *Kanye West* da Bahia, o rei da poesia de escória, protagonista do movimento da coragem e do sufocamento emotivo, que vai além da racionalização, sendo um mestre da resistência para os jovens negros ou com aqueles que se identificam com sua arte.

Observa-se que *Bluesman*, é um álbum crítico que apresenta em suas múltiplas narrativas, arma forte do rap. As suas inspirações, vindas das ruas de Salvador, trazem nas suas rimas expressões potentes.

Portanto, Baco Exú do Blues entrega uma nota que ninguém estava dando. Sua música está interligada ao pensamento filosófico socrático na sua própria narrativa fonográfica.

Referências

ANTUNES, P. Foram obrigados a me engolir, diz o rapper Baco Exu do Blues ao lançar disco *Bluesman*. **Rolling Stone Puls UOL**. 2018b. Disponível em: <https://rollingstone.uol.com.br/noticia/foram-obrigados-me-engolir-diz-o-rapper-baco-exu-do-blues-ao-lancar-disco-bluesman/>. Acesso em: 05 out. 2019.

ANTUNES, P. Rolling Stone Brasil: os 50 melhores discos nacionais de 2018. **Rolling Stone Puls UOL**. 2018a. Disponível em: <https://rollingstone.uol.com.br/noticia/rolling-stone-brasil-os-50-melhores-discos-nacionais-de-2018>. Acesso em: 05 out. de 2019.

BARROS, M. **6 Inesquecíveis poemas de Manoel de Barros**. Disponível em: <https://www.portalraizes.com/linesqueciveis-poemas-de-manoel-de-barros/>. Acesso em: 10 out. 2019.

BÍBLIA. Novo testamento: João. **Bíblia sagrada**. Reed. Versão de Antônio Pereira de Figueiredo. São Paulo: Ed. Da Américas, 1955.

BORGES, J.L. **Contos Essenciais: A casa de Astérion (Jorge Luis Borges)**. Disponível em: <https://toutemavie.wordpress.com/2012/06/25/contos-essenciais-a-casa-de-asterion-jorge-luis-borges/>. Acesso em 10 out. 2019.

BRANDÃO, J. S. **Mitologia Grega**. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

CARVALHO, V. M. Escrevendo-se na cidade: Exu e o Guia afetivo da periferia, de Marcus Vinicius Faustini. 2014. **Estud. Lit. Bras. Contemp.** Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2316-40182015000100037&script=sci_arttext. Acesso em: 01 out. 2019.

FANON, F. **Pele Negra Máscaras Brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FERRAZ, L.S.L.A. **Novos Sócrates**: parrhesía e epiméleia heautoû nas atitudes dos rappers. 2009. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7017886>. Acesso em: 02 out. 2019.

FOUCAULT, M. **A Arqueologia do Saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

FOUCAULT, M. **A Coragem da Verdade**. 1º ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

FOUCAULT, M. **A hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MARCELLO, C. **Cultura Genial**. Disponível em: <https://www.culturagenial.com/bluesman-baco-exu-do-blues/>. Acesso em: 05 nov. 2019.

MILLARCH, A. **Bluesmen**: O canto que vem de longe. Publicado originalmente em 1986. Disponível em: <https://www.millarch.org/artigo/bluesmen-o-canto-que-vem-de-longe>. Acesso em: 02 out. 2019.

MOSÉ, V. **Toda palavra**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2008.

MUNANGA, K; GOMES, N. **Para entender o negro no Brasil de hoje, histórias, realidades, problemas e caminhos**. São Paulo: Editora Global, 2006.

OLIVER, P.; HARRISON, M.; BOLCOM, W. **Gospel, Blues e Jazz**. Porto Alegre: L&PM, 1989.

SANTOS, A. R; MENDONZA, B. A. P; ELIAS, J. O rap reinterpretando na rima o dia a dia da comunidade. 2003. **Trabalho apresentado no Núcleo de Folkcomunicação, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação**. 2003. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/40442192583802985609385885297389135823.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2019.

TRINDADE, Rafael. Foucault – o profeta. 2018. **Razão Inadequada**. Disponível em: <https://razaoinadequada.com/2018/05/16/foucault-o-profeta/>. Acesso em: 08 de nov. 2019.